



IGUALDADES E DIFERENÇAS NAS RELIGIÕES: A HOMOSSEXUALIDADE À LUZ DO HINDUÍSMO E DA DOCTRINA ESPÍRITA

Lidiany de Lima Cavalcante¹
Ária Maria Mendes de Carvalho²
Simone Eneida Baçal de Oliveira³

Resumo: A crença em divindades é um atributo presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. O homem se envolve em reflexões e questionamentos que o levam a interpretações fundamentalistas, ou à fé raciocinada em um ser supremo, que transcende os espaços etéreos. Nesse ensejo, torna-se relevante a análise do Hinduísmo e da Doutrina Espírita, que são duas doutrinas religiosas que se diferem e se aproximam em vários aspectos quanto à visão religiosa da homossexualidade. Tais religiões se caracterizam pelos fatores que permeiam a compreensão da sexualidade como condição humana. Mesmo se tratando de uma religião cristã e outra não cristã, ambas apresentam a crença na eternidade da alma e buscam explicitações na análise desafiante que retrata a compreensão da homossexualidade.

Palavras-chave: Homossexualidade, Hinduísmo e Doutrina Espírita.

Introdução

A busca pela crença no divino é algo que permeia as civilizações historicamente. O sagrado é visto como necessidade humana e aponta passos que permeiam desde a moralidade até os meios de vida.

Assim, o objetivo desse estudo consiste em ponderar os fatores que diferenciam e aproximam a análise da homossexualidade no Hinduísmo e na Doutrina Espírita, já que ambas apontam as sexualidades como atributos da condição humana.

A relevância do trabalho consiste na reflexão entre uma religião cristã e outra não cristã, para tecer paralelos no que tange a compreensão do universo característico

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas.

² Mestranda em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas.

³ Professora Orientadora no Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) e Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (PPGSS), da Universidade Federal do Amazonas.

entre elas e na relação que envolve as divindades e crenças, as quais podem ser fundamentalistas ou racionadas.

A metodologia utilizada consistiu na pesquisa bibliográfica e documental, com fundamentos empíricos, fornecendo bases para a compreensão da temática em seu vasto universo.

O Hinduísmo, por se caracterizar como uma religião não cristã retrata a crença em vários deuses, tais como Brahma, Visnu e Shiva. Os livros sagrados do Hinduísmo são silentes quanto à homossexualidade, não havendo fatores que levem ao encorajamento ou a condenação, haja vista que entre a multiplicidade de deuses que podem ser escolhidos para adoração durante a vida, há alguns hermafroditas e outros que revelam a seus seguidores determinadas práticas sexuais a serem seguidas.

No que tange a Doutrina Espírita, a homossexualidade não é ponderada como um elemento de condenação, pois tem como pauta os princípios cristãos. Na referida Doutrina, a explicitação da homossexualidade é visualizada como consequência da Lei de Causa e Efeito, onde o indivíduo, por contrair débitos no passado (outras encarnações), retorna a vida corporal para cumprir tarefas num universo de provas e expiações, onde entre elas se verificam as identidades homossexuais.

Assim, urge a reflexão entre religiões cristãs e não cristãs, para ter o entendimento mais amplo acerca da homossexualidade como condição humana, conforme as ponderações seguintes.

A Homossexualidade como Condição Humana

O debate da homossexualidade se configura com muitas expressões, entretanto um dos maiores embates envolve seu conceito, que segundo Mello (2005), é estabelecer práticas e representações sociais, assim também como vínculos emocionais e sexuais entre iguais biológicos.

Historicamente, a homossexualidade foi vista como desvio, perversão e doença. Tal realidade só configurou mudanças a partir da década de 1990, com a retirada da homossexualidade do Código Internacional de Doença, sob a sigla CID 302.1.

Apesar da retirada do rol das patologias, o qual aconteceu no dia 17 de maio de 1990, o que apontou a data como Dia Mundial de Combate a Homofobia, ainda hoje se percebe a análise da livre orientação e expressão sexual como doença e/ou desvio, apesar da luta constante da população LGBT pelo respeito à condição humana.

O fim do século XX avançou no que tange ao debate das sexualidades como condição humana, sendo analisadas em suas diversas expressões, o fator primordial para o entendimento não apenas do próprio corpo, como também do rumo que a sexualidade humana pode tomar em suas diversas faces, as quais podem envolver a heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e transexualidade.

Ao enfatizar o quantitativo de pessoas com orientação homoafetiva, é importante destacar a pesquisa de Kinsey, realizada pelo médico Alfred Kinsey, entre 1948 e 1953, apontou que cerca de 10% da população mundial seja homossexual, o que demanda uma análise mais profunda sobre o reconhecimento das diferenças (MELLO, 2005).

Na realidade brasileira, ainda não se tem um dado efetivo sobre o quantitativo de indivíduos com orientação homossexual. Apesar disso, o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010, apontou que há pelo menos 60.000 casais homoafetivos, contudo a ausência de preparo da sociedade no respeito às diferenças, canaliza para um universo que envolve o preconceito e a discriminação e conseqüentemente o isolamento e ostracismo de parte da população homossexual.

Os valores, a moral e os preceitos religiosos ainda imperam na construção das identidades, que segundo Hall (2003) podem ser caracterizadas como iluministas, sociológicas ou pós-modernas.

No caso da identidade iluminista, se acredita que o sujeito não trabalha a mutação, ou seja, alimenta uma identidade estática, que se configura em um marasmo que perpassa todo o seu cotidiano, sem qualquer alteração.

A identidade sociológica envolve a ideia de que o sujeito é fruto de uma realidade, a qual pode determinar sua realidade, ou seja, se fecha no contexto de que há um determinismo e que este dita a característica do sujeito.

Ora, se tal realidade fosse evidenciada, a homossexualidade seria característica de determinadas realidade não estaria presente em outras. Faria parte de cotidianos, dependente de cultura e outras subjetividades.

Hall (2003) ressalta que a terceira concepção de identidade, que se caracteriza como pós-moderna, mostra que o sujeito pode construir e desconstruir suas identidades, ou seja, apresenta noções, características e outros ensejos que podem mudar cotidianamente. Nesse sentido, as identidades não são estáticas, ao contrário, tem como fundamento primordial a mutação e a dinâmica da realidade.

Ao perpassar a realidade da diversidade no âmbito da sexualidade, a qual envolve a homossexualidade, é relevante enfatizar que de acordo com Green (2000), a

não expressão da sexualidade humana com ênfase na homossexualidade no espaço público, gera a formação de pactos de solidariedade, ou seja, a formação de arranjos pautados na solidariedade mútua entre os sujeitos sociais em situações semelhantes.

Tal fato pode ser analisado historicamente pelo fato de que, os indivíduos de orientação homossexual, que não tinham suportes na família, buscavam a rede solidária entre os partícipes da mesma condição.

Queremos apontar com esse ensejo, que a discriminação e o preconceito existem na sociedade envolta no tradicionalismo e conservadorismo. Frente a esse processo, a moralidade e os costumes retratam o fazer cotidiano em que a visão sociológica de que o homem é o resultado unicamente de uma história e de uma cultura ainda impera.

A partir daí, junto com a moral e os valores, a religião aparece como antagonista das expressões direcionadas às sexualidades, sobretudo à homossexualidade, que pela caracterização fundamentalista é analisada como pecado nefando e o sujeito que a pratica, como um perverso que precisa de "salvação" e não como sujeito de direitos como qualquer cidadão.

A Crença Religiosa da Humanidade

Desde a inicialização dos passos humanos na terra, a discussão sobre as crenças no divino são aportadas como reflexões entre os homens. As demonstrações apareceram em desenhos no interior das cavernas e nas práticas ritualísticas até se perpetuarem com o advento da escrita e no âmbito das relações entre os povos.

As concepções religiosas cresceram e se dividiram entre doutrinas cristãs e não cristãs. Com tal elenco de características, a intolerância e a violência apareceram como estratégias de convencimento de adeptos para seguir determinada religião.

Silva e Ribeiro (2007) ressaltam que o discurso religioso cristão criou, através de teses bíblicas, a noção de que somente o cristianismo se configura como religião, dando às demais o espaço da demonização.

Tal reflexão canaliza para uma realidade de intolerância, onde a diversidade de religiões não assegura as expressões concernentes à liberdade de expressão, onde o diálogo com o diferente se torna impossível.

Uma das grandes problemáticas da atualidade, segundo Silva e Ribeiro (2007 p.14), consiste no fato de que: “o cristianismo exige exclusividade, prega o monoteísmo

como única verdade, e os grupos neopentecostais fazem relação dos males com outras divindades não cristãs”.

A análise dos autores reforça as determinações sociais existentes nas religiões, onde há aportes apenas para as doutrinas cristãs, sendo de espaço amplo apenas para aquelas que se revelam como predominantes baseadas no monoteísmo. O politeísmo e a crença não cristã são demonizadas pelas raízes fortes do preconceito e da intolerância.

É relevante enfatizar que a tolerância religiosa precisa estar permeada não nos textos sagrados, mas no direito à liberdade de expressão e no respeito aos valores de caráter universal, onde segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos são livres e iguais, em dignidade e direito.

As lutas travadas entre as religiões ditam normas de valores para a sociedade, para a cultura e para a política das nações. Esse ensejo aponta ainda o que é aceito ou o que deve ser discriminado.

Nesse bojo, a homossexualidade aparece como algo que se resume a uma prática e deve ser condenada, com vistas à interpretação das escrituras sagradas.

Reforçamos que esse fundamentalismo não pode ter raízes profundas, sendo que não temos apenas uma doutrina religiosa, mas um vasto universo que pode ser visualizado tanto com bases no cristianismo, como fora dele, como é o caso do Hinduísmo, que será caracterizado seguidamente.

Homossexualidade e Hinduísmo

Para analisar a homossexualidade à luz da religião hinduísta, se faz necessária a reflexão sobre a referida doutrina.

De acordo com Follman e Scarlatelli (2006) o Hinduísmo é uma religião herdada por nascimento do povo indiano, a qual envolve elementos históricos e culturais, estando intimamente ligada a questões também relacionadas à posição social dos sujeitos.

Conforme a análise hindu, a posição social é resultado do que se denomina como *karma*, ou seja, as ações anteriores do indivíduo em vidas passadas, o que se apresenta entre os indianos pela divisão de castas, que separa ricos, nobres e a população pobre.

O Hinduísmo é uma religião milenar não cristã, ou seja, não segue os preceitos do cristianismo. Traz sua vertente politeísta, concretizada na crença em vários deuses,

entre eles Brahma, que se configura como uma das divindades para se chegar mais perto do homem, por ser o deus supremo dos hindus.

No Hinduísmo, os livros sagrados são silentes no que tange à homossexualidade. Não há elementos de encorajamento e nem de condenação. Tal contexto pode ser explicitado até pelo quantitativo de deuses (cerca de dez mil), os quais são escolhidos pelos hindus e adorados durante toda a vida dos indivíduos.

Conforme Gaarder (2008), a deusa Bahuchara Mata, por exemplo, aponta que todos os seus seguidores homens devem aderir a prática da travestilidade, aliada com a castração e o celibato.

Os seus adeptos, que na Índia são conhecidos como *Hijras*, são praticamente desconhecidos no ocidente, visto que a identidade está envolta em uma cultura mais particular na Índia. Na cultura ocidental, os *hijras* seriam considerados como transexuais, já que a castração envolve a retirada do pênis e dos testículos dos homens. Geralmente, os *hijras* podem servir às sacerdotisas ou terem relacionamentos com outros homens, sendo que nesse último caso, a identidade deles se configura na heterossexualidade.

Como a cultura de alguns deuses preconiza a homossexualidade ou sexualidade dúbia, não há elementos que enfatizam a perseguição no que tange à homossexualidade. O Hinduísmo, ao explicitar a realidade das pessoas pela Lei e Causa e Efeito referente a presente vida, ou também às vidas passadas, revela que o indivíduo tem a vida que lhe é destinada, de acordo com suas ações.

Sobre a cultura da Índia, Follman e Scarlatelli (2006 p. 23) apontam que: “as suas tradições religiosas e a sua cultura concedem este sentido percebendo a vida humana como parte de um universo, que, por sua vez, também tem um sentido, na medida e que é emanado de uma divindade suprema e na medida em que é também lugar onde os deuses e forças sobrenaturais estão sempre presentes”.

A reflexão aponta para uma realidade onde a Índia apresenta culturas e tradições permeadas pela crença politeísta, os indivíduos como parte do universo e o universo como parte deles, através do código universal que rege as leis de causa e efeito.

Nesse sentido, a homossexualidade como parte da caracterização da Lei de Causa e Efeito, não é vista como algo a ser encorajado ou condenado, ao contrário, depende de fatores culturais, históricos e da escolha entre os deuses para a adoração, ressaltando-se inclusive que no bojo da iconografia hindu, a face dos deuses podem

caracterizar a heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade ou transexualidade.

A Doutrina Espírita e a Compreensão da Homossexualidade

Outra religião relevante para tecer uma análise, caracteriza-se pelo Espiritismo, retratando a Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec. Este foi responsável pela análise daquela que ficou conhecida como ciência, filosofia e religião Espírita, por ter seus aportes evidenciados teoricamente através da Filosofia Positiva.

O Positivismo foi utilizado como base para a explicação da doutrina dos espíritos, através da evidência e dos fatos que comprovam a existência e o contato com espíritos de outros planos.

Como o Hinduísmo, o Espiritismo também se caracteriza pela crença na reencarnação, ou seja, pela certeza da existência de outras vidas, que explicam as provas e expiações vivenciadas pelos indivíduos, contudo está um passo a frente do Hinduísmo, pois além de acreditar em outras vidas, pondera a individualidade do espírito e as possibilidades de evolução em outras existências, sendo que a religião hindu preconiza o retorno da alma e sua união com o cosmo, refletindo a não individualidade do espírito após a morte, já que este se unifica com o universo ou pode reencarnar em qualquer outro ser, inclusive os inferiores ao homem.

Segundo as obras básicas da Doutrina Espírita, o indivíduo é o resultado de suas ações na presente e em outras vidas. Acredita-se também na Lei de Causa e Efeito, assim como no Hinduísmo, onde os sujeitos são responsáveis por ações que fazem ou pelo que deixam de fazer. A diferença básica entre as duas religiões consiste no fato de que no Hinduísmo, após o término da vida, a alma se une ao todo universal, já no espiritismo, reflete que o indivíduo sustenta uma alma individual, mesmo após o fim da vida terrena.

No Espiritismo, ao contrário do hinduísmo, não há um silêncio no que se refere à homossexualidade. Os expositores da doutrina apresentam análises controversas no que tange ao assunto, sendo que alguns têm atitudes de acolhimento da orientação sexual, outros apresentam preconceitos e mecanismos de discriminação, sem, contudo ter o conhecimento das obras básicas que fomentam a doutrina.

A literatura espírita, em sua caracterização, mostra a homossexualidade como condição humana e resultado das vidas passadas, conforme situa Barcelos (2008 p. 113): “sabemos que o espírito tanto pode reencarnar em corpo de homem como de

mulher; o que lhe interessa é a aquisição de experiências, o resgate de dívidas e o aperfeiçoamento”.

Conforme a análise do autor, perante a Doutrina Espírita, o espírito não tem sexo, pode ter uma identidade feminina ou masculina no palco da reencarnação, apontando que o debate em torno da homossexualidade é encarado como condição humana, não como pecado ou crime, mas apenas uma condição que perfaz o cotidiano do sujeito na encarnação em que se encontra.

De acordo com Barcelos, (2008), a discussão da homossexualidade no universo da Doutrina Espírita aponta três motivos que podem explicar o fato de um espírito apresentar tal identidade.

A primeira observação consiste no fato de que espíritos com reencarnações sucessivas em um corpo masculino, ao animarem um corpo feminino podem se encontrar em processo de transição, não entendendo ainda a nova posição (feminina) podem canalizar a sexualidade para os fatores hereditários das vidas anteriores.

O segundo caso envolve a necessidade de expiações e reparações em caso de danos causados a outra pessoa. Podemos exemplificar a situação de uma mulher que encarna e leva um homem a cometer atitudes indesejáveis. Essa mulher pode mais tarde animar um corpo masculino para resgatar possíveis dívidas contraídas na vida anterior, dessa vez sentindo a realidade do outro sexo e vice versa.

Já a terceira situação explicitada por Barcelos (2008) caracteriza os sujeitos que reencarnam em tarefas especiais, que trazem a homossexualidade em suas caracterizações identitárias, mas por sensibilidade e moral elevados, não a desenvolvem e vem conseqüentemente para não constituir família e atuar na dedicação intensa a atividades de doação a outras pessoas.

A obra “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec (1995), pondera que sempre há um propósito para a compreensão da encarnação em corpos masculinos ou femininos, ou seja, existem explicações lógicas que norteiam esse processo e no que tange à homossexualidade, o espírito é considerado como um ser em transição, ao experimentar o encarne em um envoltório corporal direcionado ao sexo feminino ou masculino.

Essa caracterização da “transição” pode ser corroborada também pela discussão de Hall (2003) que faz ressalvas ao processo de construção e desconstrução das identidades dos sujeitos, ao passo que considera a mutabilidade e a dinamicidade do cotidiano e da história dos indivíduos.

Essas análises nos levam a compreensão de que, o prisma da homossexualidade diante da Doutrina Espírita se configura como condição humana. Sendo trazida como elemento de prova ou expiação, o indivíduo deve ser respeitado em sua individualidade e reconhecido como sujeito que tem direito a vida como qualquer outro. Apontamos ainda a necessidade de ampliar a discussão da diversidade sexual no interior das instituições espíritas, para que o reconhecimento dos sujeitos homossexuais possa ser evidenciado com maior êxito no cotidiano de tal doutrina religiosa, pois apesar do retrato e explicações que a religião oferece, é comum, como nos demais espaços da sociedade, a caracterização do preconceito contra os homossexuais.

Considerações finais

O debate em torno da homossexualidade à luz das religiões nos aponta um campo relevante no que tange às discussões e fundamentações que possam contemplar a compreensão de uma orientação sexual milenar ainda tão discriminada na sociedade.

As doutrinas religiosas em sua maioria encobrem a diversidade sexual em um véu de intolerância e preconceito, preconizando a visão de sujeitos, que muitas vezes sem o conhecimento mais profundo dos textos básicos da religião, pregam a discriminação e a ausência de respeito ao outro.

No Hinduísmo, religião não cristã, há um silêncio no que se refere a aceitação ou condenação da homossexualidade, contudo o cotidiano aponta entre outros, os *hijras*, que simbolizam a diversidade sexual, além dos deuses que direcionam às práticas sexuais que nem sempre tendem à heterossexualidade.

Na Doutrina Espírita, o prisma do debate gira em torno dos preceitos cristãos de acolhimentos dos sujeitos e entendimento dos processos de evolução, expiação e reparação, todos embasados na Lei de Causa e Efeito, que ao contrário do que se pode pensar, não se trata de uma criação do Espiritismo, mas nas evidências apontadas na doutrina e embasadas nos estudos de Isaac Newton, ou seja, se trata de uma análise pautada à luz do referencial teórico do que se convencionou chamar de III Lei Newtoniana, onde toda ação gera um reação, explicando assim os motivos que levam à homossexualidade.

Ressaltamos que tanto na religião Hindu como na Doutrina Espírita, a homossexualidade é visualizada como condição humana. Várias são as explicações, entretanto apesar do contexto cristão e não cristão que separam as duas vertentes

religiosas, ambas estão no paralelo da compreensão da condição homossexual como elemento presente, evidenciado pelas encarnações sucessivas do espírito. Como resultado de ações e/ou configuração de provas e caminhos para a evolução espiritual.

Apesar da existência de lacunas que ainda demandam preenchimento no entendimento mais profundo acerca da homossexualidade à luz nas religiões, urge que aprofundemos o debate e as indagações, na busca de respostas que permitam a inclusão social e religiosa, de sujeitos que são alvo da discriminação em todas as esferas de uma sociedade que ainda oferece um cariz conservador e tradicional.

Referências

- BARCELOS, Walter. Sexo e Evolução. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008.
- FOLLMAN, José Ivo; SCARLATELLI, Cleide Cristina. Lições Milenares do Oriente Hinduísta para uma conduta Ética na Sociedade de Hoje. In. REVER – Revista de Estudos da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No. 04 p. 18-42. 2006. www.pucsp.br/rever/rv4_2006/p_follmann.pdf. Acesso em 4 abr. 2011.
- GREEN, James. Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de Salvador Gentile. 99ª. Ed. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita, 1995.
- MELLO, Luiz. Novas Famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. (Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade).
- SILVA, Clemildo Anacleto da; RIBEIRO, Maria Bueno. Intolerância Religiosa e Direitos Humanos: mapeamento de intolerância. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista e Editora Sulina, 2007.